



Tatanti-Wua-Reté ergue o braço guiando sua gente pelos caminhos de Deus. Desde já, os costumes da vida tribal estão restabelecidos, numa forma primitiva de viver a liberdade longe dos "vícios da civilização"

caderno

B

DEPOIS DE QUATRO DÉCADAS DE BUSCA, OS ÍNDIOS GUARANIS ENCONTRAM O SEU CHÃO PROMETIDO

A "TERRA SEM MALES" ESTÁ NO LITORAL CAPIXABA



Os índios seguem pela praia rumo à floresta que o homem branco jamais penetrou. O local é exatamente como a terra prometida de que fala a tradição guarani

Rogério Medeiros
Correspondente

DEPOIS de 36 anos de incessante busca à Terra sem Males — utopia que faz parte das tradições de alguns grupos guaranis — Tatanti-Wua-Reté, viúva do pajé Miguel Venites, está convencida de que finalmente chegou ao lugar prometido. Seu clã, composto de 48 índios, ligou-se a remanescentes tupiniquins, apossou-se de uma densa mata de 40 alqueires, na enseada de Santa Cruz, no Município de Aracruz, Espírito Santo, e ali se instalou "para sempre" (ou pelo menos até que proteste a Aracruz Celulose, multinacional que tem a propriedade das terras).

O local que esses índios guaranis passaram a ocupar tem todas as características da terra "da abundância e da fertilidade", segundo a guia do grupo. Longe da civilização, permite que seus novos habitantes vivam isolados e independentes, plantando, caçando e orando.

A região realmente se assemelha à ideia que os índios têm de sua Terra sem Males. Para começar, fica no litoral, só se chegando a ela de bote ou de balsas. Tudo indica que a mata — que se debruça por cima das águas — nunca foi explorada pelo homem branco. A Aracruz Celulose, logo que se apossou daquele território indígena, reservou-o para refúgio dos animais desalojados da imensa floresta natural onde plantou seus eucaliptos. Quanto aos índios, foram simplesmente expulsos dali.

A primeira providência que Tatanti-Wua-Reté tomou, ao se aposar do seu quinhão da mata (a outra parte fica com os tupiniquins), foi mandar erguer a casa coletiva e a casa das festas. Nesta, os índios farão suas orações para consolidar a crença na Terra sem Males. A vida tribal foi imediatamente restabelecida em todo o grupo. Seu novo pajé passa a ser Kuarai, segundo marido de Tatanti-Wua-Reté. A esta caberá, no entanto, a missão de dirigir a comunidade no plano religioso.

Ela já mandou buscar em Peruibe, reserva indígena próxima ao Vale da Limeira, em São Paulo, um índio

carajá, Piaju Aduru, para exercer a missão de médico de aldeia. E dentro do interesse de resguardar ao máximo o isolamento do grupo, fez um pacto com os seus companheiros de invasão, os tupiniquins: esses ficarão ao Norte, cabendo-lhes a maior parte do território ocupado, enquanto os guaranis se fixarão ao Sul, protegendo-se por um cordão florestal e beneficiando-se, o que é fundamental, da topografia desse terreno, que favorece a imagem da terra prometida.

Todavia, a perseguição obstinada desse território, por motivos ligados à Terra sem Males, explica inclusive a destemida posição que eles assumiram de não abandoná-la e defendê-la até a morte, como deram demonstrações no início da semana passada, quando se depararam com um forte contingente policial, disposto a expulsá-los. O cacique Kuarai reagiu, dizendo:

— Os senhores fizeram muito mal em chegar aqui. Essa terra de índio não é para branco pisar.

A uma ordem severa para deixar a floresta, o cacique ainda respondeu:

— Nós só sairemos daqui mortos, como prometemos a Tatanti-Wua-Reté. Da próxima vez, branco só pode chegar convidado por índio.

Embora especialistas sobre a cultura guarani, como Egon Schagen e Hélène Clastres, interpretem a Terra sem Males como uma visão do paraíso, onde o milho cresce sozinho e as flechas vão também sozinhas à caça, não é essa a ideia que dela tem Tatanti-Wua-Reté. A guia religiosa, na verdade, acredita, numa terra livre sem prescrições onde eles vão viver na fertilidade, em comum com Deus, porque acham que Deus está dentro daquela mata.

Essa imagem da Terra sem Males foi transmitida por Tatanti-Wua-Reté, embora tenha usado a sua filha, Kerutu-Mirim, para traduzir para o repórter, já que ela, como ex-viúva do pajé e posteriormente guia religiosa do grupo, está impedida de falar a língua do branco. Tatanti-Wua-Reté conta como foi essa caminhada que se iniciou no Rio Grande do Sul, há 36 anos, quando ela, aos 40 de idade, ao lado do seu primeiro marido, saiu em busca da Terra sem Males.

Deixaram o Posto Indígena de Guarita, ainda na década de 40, com mais dois clãs que seguiam a orientação religiosa de Miguel Venites. A primeira localidade litorânea que procuraram foi Pelotas, ainda no Rio Grande do Sul. Desse ponto, observando sempre o mar, iniciaram a longa e penosa marcha, rumo ao Norte do país.

A forma que encontraram para sobreviver foi o artesanato, confeccionando e vendendo peças de imitação de suas armas guerreiras e adornos e objetos de danças religiosas. No Estado de São Paulo, a marcha foi interrompida. Elementos do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) recolheram os três clãs à localidade de Tariri, onde ficaram por mais de 10 anos. Entretanto, inconformado com a violenta interrupção de sua marcha religiosa, o pajé Miguel Venites resolveu retomar o litoral. Mas, desta vez, só foi acompanhado pelo seu clã, que na época era constituído de apenas 20 índios. O resto do grupo resolveu ficar definitivamente em Tariri. Havia abandonado os hábitos religiosos da nação guarani.

O pajé, já velho e doente, não resistiu sequer ao reinício da jornada: morreu quando o grupo mal se aproximava do litoral, na localidade de Silveira. Antes, de presentear seu fim, pediu à mulher que buscasse a Terra sem Males. Tatanti-Wua-Reté tomou logo a liderança do grupo e prosseguiu a marcha até a região de Parati, Rio de Janeiro, onde os guaranis permaneceram cerca de seis anos. A justificativa apresentada por ela para essa segunda parada mais prolongada é a de que o seu segundo marido, também um índio guarani (atual cacique do grupo), residia à ideia de abandonar Parati, por achar que ali os índios viviam relativamente felizes. Ele julgava que mais na frente, invariavelmente, cairiam em outra reserva indígena, julgando todas elas iguais à de Peruibe, onde os índios viviam muito mal, entregues aos vícios da civilização. Mas os seus argumentos não foram suficientes para deter a mulher. Ela reiniciou a marcha sem ele, embora essa decisão viesse a custar o sacrifício do seu segundo casamento, porque Kuarai preferiu ficar sozinho em Parati.

O grupo levaria mais alguns anos para alcançar Caietas Velhas, no litoral Norte do Espírito Santo. Tiveram então a primeira ideia de que se encontravam próximos à Terra sem Males, em razão de particularidades da topografia da enseada de Santa Cruz, percebidas quando de sua travessia para Caietas Velhas. Reforçava, mais tarde, essa impressão, o fato de viverem os seus melhores dias mais adiante, quando encontraram os donos do lugar, índios tupiniquins, que viviam felizes em suas terras, pescando, caçando, embora dois terços do seu extenso território já houvesse sido tomado por posseiros.

Mas esse período de rara alegria, na companhia dos tupiniquins, durou somente de 1962 a 1966, quando a Aracruz Celulose passou a ocupar todo esse território indígena. Rententes, eles ainda ficaram por lá até por volta de 1970, quando foram finalmente expulsos. Andaram, depois, mais de dois anos perambulando pelo litoral capixaba, sobrevivendo penosamente à custa de seu artesanato, até o dia em que a Funai veio buscá-los para confiná-los na Fazenda Guarani, reserva indígena que ela mantém em Carmezina, Minas Gerais. Do grupo, apenas Tatanti-Wua-Reté protestou contra a mudança.

Esse confinamento imobilizava, sobretudo, os ágeis movimentos da persistente guia religiosa, que entre outras coisas conseguiu, como uma perfeita guardiã de sua gente, preservar a pureza racial do grupo. Esse zelo chegava ao cúmulo de impor algumas paralisações na marcha, sempre que havia um guarani ou uma guarani em condições de casar. Tatanti-Wua-Reté levava o rapaz ou a moça a qualquer reserva indígena da Funai para desposar outro guarani. Desse instinto de conservação não escapou, sequer, o seu filho predileto, Varamim. Este, quando ficou viúvo, desejou se casar com uma índia tupiniquins, por quem estava apaixonado. Mas, para sua surpresa, a mãe apareceu com uma índia guarani para ser sua noiva. Apesar de tê-la rejeitado de início, foi obrigado a casar-se com ela. Dessa maneira, os guaranis foram sempre casando entre si, além de só falar o tupi-guarani, porque o português é proibido pela líder religiosa.

Embora tudo tenha sido adverso na Fazenda Guarani, o grupo se manteve coeso até 1976, quando retornou a Caietas Velhas, escapando da vigilância da Funai. Como da vez passada, o lugar voltava a oferecer uma nova surpresa agradável, a despeito de não existirem mais terras indígenas. Encontraram perdido e solitário, entre os remanescentes tupiniquins e centenas de peões da Aracruz Celulose, o antigo cacique Kuarai. Sem perspectiva de sobrevivência, ele tentava aprender a pescar com os tupiniquins, pois era essa a única ocupação econômica que havia restado aos índios da região. Mesmo assim, eles resolveram ficar em Caietas Velhas. Conseguiram uma casa velha com o amigo Josenil Gonçalves, o Alagoano, barqueiro que sempre os defendeu. Valendo-se, mais uma vez, do artesanato, sobreviveram pobremente, até que, Tatanti-Wua-Reté chegou à conclusão que a Terra sem Males estava a poucos passos de Caietas Velhas, nessa insólita e solitária floresta, cercada pelo mar e pelos eucaliptais da Aracruz Celulose. Os índios mais velhos do grupo, obedecendo à sua ordem, fizeram, então, no início do mês, a invasão da mata, celebrando no último fim-de-semana o seu primeiro culto religioso. Foi então que finalmente, Tatanti-Wua-Reté conversou com Deus e deu por encerrada a sua missão de conduzir seus índios à terra prometida.

A RENASCENÇA

Uma tradição em móveis de estilo

Venha conhecer
nesta mansão, a maior
variedade em móveis
personalizados do
mais fino
acabamento.

Rua do Catete, 194-196
Esquina com Corcova Dutra
Acesso pela praia do Flamengo

Estacionamento para clientes

PAPEL DE PAREDE?

Consulte
a Página de
Serviço da Revista
do Domingo